

A expressão e a margem/ Expression and margin¹

Ana Westpha²

RESUMO

Pensar a produção-difusão da arte contemporânea, envolve pensar questões que extrapolam as associações ligadas ao eixo mercadológico Europa-Estados Unidos. Essa inferência norteia a construção desta apresentação que, ao expor os vídeos de Georg Baselitz e Véio, procura romper com o “paradigma do eixo”, ou seja, com a ideia de que artistas *fora do eixo* e artistas *dentro do eixo* estão, ainda hoje, subsumidos apenas à questão da origem do artista. Assim sendo, no que se refere à assimilação de um artista pelo mercado de arte, amplia-se o cenário de observação, isto é, ampliam-se os limites de abrangência do termo mercado de arte, acrescentando-se, à sua análise, o núcleo de especialistas envolvidos com estruturação do sistema criado entorno da produção artística. Desse modo, ao se propor-se a “ressignificação” do termo mercado de arte, coloca-se encenadores que se tornaram decisivos para o “mundo das artes”: galeristas, colecionadores, intelectuais, críticos, curadores, diretores de museus, jornalistas. E então, o problema: poder-se-á censurar, veementemente, o “mercado de arte” por sua atuação, ou ser-se-á possível dizer que ele apenas hiperboliza, em representação, a atualidade de um mundo naturalmente dividido entre “dentro” e “fora”?

PALAVRAS-CHAVE: arte, artista, mercado de arte.

ABSTRACT

Thinking about the production-diffusion of contemporary art involves thinking about issues that go beyond the associations linked to the Europe-United States marketing axis. This inference guides the construction of this presentation which, in exposing the videos of Georg Baselitz and Véio, seeks to break with the "axis paradigm", that is, with the idea that off-axis artists and artists within the axis are still today, subsumed only to the question of the origin of the artist. Thus, with regard to the assimilation of an artist by the art market, the scope of observation is widened, that is, the limits of the scope of the term art market are broadened, adding, for its analysis, the core of specialists involved in structuring the system created around artistic production. Thus, in proposing the "resignification" of the term art market, there are founders who have become decisive for the "world of the arts": gallerists, collectors, intellectuals, critics, curators, museum directors, journalists. And then the problem: can the "art market" be criticized for its performance, or is it possible to be said that it only hyperbolizes, in representation, the actuality of a world naturally divided between "within " and out"?

KEYWORDS: art, artist, art market.

¹ Texto apresentado como parte de atividade do V Simpósio na qual se exibiu os textos dos artistas Véio e Georg Baselitz que se encontram nos seguintes endereços: Véio: <https://www.youtube.com/watch?v=nssgfaeXINo> ; Baselitz: O vídeo exibido na época do Simpósio era a versão em espanhol deste mesmo: <https://www.youtube.com/watch?v=rxCfyBFJW6c>. Acesso em: 07/11/2018.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia- PUCSP

A apresentação dos vídeos de Georg Baselitz e Véio foi pensada para o encerramento das comunicações, por entender-se que são capazes de expor o problema e o paradoxo que envolvem o tema deste simpósio. Assim sendo, se em um primeiro momento é possível se pensar que os vídeos apresentam, de modo terminante, um artista “*fora do eixo*” e um artista “*dentro do eixo*”, ver-se-á que, ao analisá-los hoje, torna-se impossível apresentá-los em antagonismo, ou seja, atualmente, Georg Baselitz e Véio são artistas cujas obras circulam no eixo, isto é, fazem parte do atual circuito do mundo das artes. O exposto dá a ver que pensar a produção artística a partir de aproximações ou distanciamentos do sistema criado entorno da arte contemporânea, envolve pensar questões que extrapolam associações ligadas ao eixo mercadológico Europa-Estados Unidos. Desse modo, entende-se que a terminologia utilizada para delimitação de “mercado de arte” não pode ter como extrema somente a mercantilização da arte, ou, dito de outro modo, o mercado de arte não pode ser referenciado como sistema que visa somente a exposição e comercialização das obras, pois ao se considerar o eixo apenas sob a perspectiva da mercantilização da arte, apressa-se com restrições que retiram da discussão pontos que indicam as mudanças processadas no âmbito das artes depois da Primeira Guerra Mundial, mudanças essas que alteraram significativamente as relações entre artistas, instituições culturais e mercado. Assim, se há um definidor implícito na assimilação ou não de um artista pelo mercado de arte, e esse definidor não está relacionado somente à origem do artista ou à capacidade que tem sua obra de expressar a força da realidade que o circunda, trata-se, então, de se tentar desvendar o “beco sem saída” que se nos apresenta. Nesse sentido, ampliam-se os limites de abrangência do termo mercado de arte, para que se possa considerar as relações que o “mercado” mantém com o núcleo de especialistas envolvidos com a reflexão estética, com a crítica e a institucionalização da arte, e, por conseguinte, para que se possa reiterar questões que têm sido, incessantemente, recolocadas: como é possível preservar a criação artística quando a obra é promovida à categoria de valor mercável e, em oposição, como é possível ao artista e sua obra manter-se atuante fora do eixo?

Sabe-se que a discussão da arte como produto se estende há longo tempo, podendo-se dizer que as questões aqui postas são, na realidade, velhas questões, questões que tornaram-se inerentes ao “mundo das artes”. Ora, mas se se remastiga sempre as mesmas questões, poder-se-á inferir ao contexto uma dubiedade que envolve a própria produção artística? E, se o sistema formado entorno dos movimentos artísticos têm como lastro o artista e sua obra, como o jogo jogado tornou-se exequível? Ou ainda, se os artistas carregam consigo a força da expressão que movimenta todo esse sistema, porque não reescrevem as regras? Poder-se-á se contentar em responder tais questão simplesmente reafirmando a existência de um eixo regulador que norteia a produção e disseminação da arte, eixo cuja atuação é exacerbada pela evolução do próprio processo - entrevisto na prática exitosa da associação da arte com mercado financeiro, associação esta que atrela o eixo à oficialidade cultural imposta pelo mercado? Formalização, aceite entre as partes e, como resultado, o fim da “arte pela arte”. É assim, que em um cenário mais amplo, surgem outros papeis dentro do “sistema das artes”. Desse modo, ao se fazer referência ao movimento do mercado de arte, pressupor-se-á, ao horizonte desta apresentação, a distribuição e o peso do papel a ser encenado por artistas, galeristas, e colecionadores, acrescentando-se, ao novo cenário, intelectuais, críticos, curadores, diretores de museus e jornalistas. E retoma-se o tema/proposta deste V Simpósio de Estética:

... pretendemos neste simpósio explorar formas estéticas que se referem a outras formas de vida que são possíveis (...) artistas de hoje e outras épocas exprimiram isso. E artistas que produzem suas obras a partir do que dispõem em seu meio ambiente são exemplos claros de que a arte das galerias e do mercado não é o que somente pode existir. A insistência em buscar em paisagens geográficas menos “navegadas” se dá porque nelas as próprias condições distintas das metrópoles acabam por abrir possibilidades outras. Certamente essa ideia terá talvez poucos adeptos, mas não é necessário ser adepto da ideia e sim sentar-se para conversar sobre sua possibilidade e a efetividade do que afirmamos.³

No que concerne às questões postas, não se pretende argumentar a partir daquele que fala de fora do eixo, nem tão pouco daquele que fala de dentro dele. Tentar-se-á tornar evidente a tenuidade das linhas que se cruzam, linhas que são

³ Excerto retirado do site <https://simposioesteticaucspbr.wordpress.com/>, sobre o tema do V Simpósio de Estética da PUC-SP, cuja tema é “Arte fora do eixo: produção e pensamento”.

tocadas pelas “ressonâncias orbitais” dos corpos que sofrem, mutuamente, com a subversão dos valores impostos de modo perverso pelo eixo, tanto aos artistas “visíveis”, quanto os aos artistas “invisíveis”, cuja aventura será deixar-se possuir pela criação, desvencilhando-se da nostalgia do eixo. E então, abandonados à inerência da criação, ver-se-ão libertos, eixados unicamente pela expressão. Desse modo, subestimar-se-á, intencionalmente, o eixo dos comensais da arte, por entender-se que seguir-se-ia perseguido pela dubiedade que é pensar o eixo como estrutura formada pelo mercado de arte e, sincronicamente, como estrutura “materialmente” passível de ser desmontada pelo artista. Adotado o plano, continua-se com a impressão do caminhar por “lugares comuns” a procura de sentido, de elementos que acomodem arte e teoria, ajustando-as a ponto de justificar-lhe a fisionomia, procura-se por unissonância, resgata-se Paul Klee:

“Unissonância (...) e o tremor contido, o alívio de golfadas de ar cheias de esperança. Antes da tempestade, o ataque dos moscões! A fúria, a matança. A certeza de que tudo acabará bem é nossa bússola mesmo na escuridão do bosque e no crepúsculo. O relâmpago que lembrava a curva de febre de uma criança enferma... há muito tempo. (LICHTENSTEIN:2004, 128).

Ao olhar do espectador, o mundo imaginário dos artistas surge da ação naturalmente apoteótica que se desdobra da criação à veiculação das obras pelo “mercado de arte”. Distantes, os espectadores não pensam em refutá-lo, tomam-no como visionários de algo que lhes chega intangível, como aquele que fá-los-á acessar e sentir a inspiração distante. E então, com os olhos deste distantes, recoloca-se a questão: poder-se-á censurar, veementemente, o “mercado de arte” por sua atuação, ou ser-se-á possível dizer que ele apenas hiperboliza, em representação, a atualidade de um mundo naturalmente dividido entre “dentro” e “fora”? Vê-se que na contemporaneidade os papéis se intercambiam, que a relação autoral anteriormente requerida à obra emerge hoje, simultaneamente, da criação e da teoria que a ordena e explica. Dito de outro modo, a arte contemporânea dá-se ao eixo, em sua plenitude, apenas quando a teoria valida a criação, visto que, aos olhos do mercado, é a inclusão da obra ao eixo que concede valor à sua existência, ou seja, sem inscrição que a outorgue, a obra não é capaz de deixar vestígios. Assim, de maneira falaciosa e ou de modo apaixonado, o “mercado de arte” sempre impõem ao artista, a corda bamba. Sendo possível crer-se que, em analogia, tanto a fala de Tom Wolfe em *A palavra pintada*, quanto a de Luciano Trigo, em *A grande feira*, ou a de Michel Ragon ao

prefaciando o texto *Os novos realistas* de Pierre Restany, expõem, em atualidade, o “maneirismo” do mundo das artes, ou seja, sustentam, ainda que como predição, o paradoxo que funda o mercado da arte contemporânea:

Tom Wolfe em 1974:

Estou disposto a predizer que nos anos 2000, quando o Metropolitan ou o Museum of Modern Art [MoMa] fizerem uma grande retrospectiva da arte americana de 1945 a 1975, os três artistas que serão apresentados, as três figuras germinais do período não serão Pollock, De Kooning e Jasper Johns – mas Clement Greenberg, Harold Rosenberg e Leo Steinberg. Haverá grandes letreiros nas paredes, de 2.40 x 3.30 m cada um, apresentando as passagens proteicas do período... um pouquinho de “superfície plana e fuliginosa” aqui... um pouquinho de “arte de ação” ali... e um bocadinho daquela “toda arte versa sobre arte” mais adiante. Ao lado, haverá pequenas reproduções das obras dos principais ilustradores da Palavra daquele período (...) todo estudante de arte se assombrará ao saber que uma geração inteira de artistas devotou a carreira a buscar a Palavra [e a internalizá-la] e, à tarefa extraordinária de se despojar do que porventura possuísem de imaginação e técnica que não fosse coerente com a Palavra. Ouvirá os historiadores de arte dizer, com aquele sorriso que hoje se reserva ao estudo da astrologia frígia: “era assim naquele tempo” – ao descreverem como os cientistas de meados do século XX, baseando-se nas descobertas de seus predecessores, conseguiram iluminar os céus... enquanto os artistas, desviando os olhos de tudo que seus predecessores, a partir de Da Vinci, realizaram, se esquivaram aterrorizados ou desintegraram tudo com o solvente universal da Palavra. Os acadêmicos mais zelosos sentirão imenso prazer em descrever como professores de história da arte e jornalistas do período de 1945-1975, além de estudantes e intelectuais, chegavam a brigar para ver as pinturas diretamente, à maneira antiga, anterior à Segunda Guerra mundial, a mesma dos habitantes da caverna de Platão, que observavam as sombras sem saber o que as projetava (...) que horas felizes nos esperam! Com que risinhos, gargalhadas e admiração bem-humorada contemplaremos, em retrospectiva a era da Palavra Pintada! (WOLFE, 2009, 126-7)

Luciano Trigo em 2009:

...apenas uma das contradições do sistema das artes: a impossibilidade de conservação de obras efêmeras, combinada com o imperativo simbólico-mercadológico de museificá-las (...) duas alternativas se apresentam para os artistas: acomodar-se ou discutir estratégias que façam frente às imposições desse sistema. Criar uma plataforma de discussão sobre a arte nessa época de espetacularização e banalização da cultura deveria interessar os próprios artistas. Como escapar dessa teia de relações que, cada vez mais, enquadra e domestica a arte? (...) artistas de países periféricos passaram a ser assimilados pelo circuito internacional, é inegável que, nos últimos trinta anos, minorias que não tinham voz no sistema das artes conquistaram espaço no mercado e nas instituições (...) de forma inteligente, esse sistema percebeu que absorver e comercializar tais

nichos era mais lucrativo que ignorá-los (...) aboliu-se, assim, o abismo que separava um “centro” poderoso das minorias que o contestavam: eles se deram as mãos com as bênçãos do mercados (...) a afirmação de um suposto pluralismo não é mais do que a capitalização máxima de todos os nichos de mercado (...) em comum, a subserviência ao mercado, a alienação e a escassez de ideias genuínas num mar de repetições (...) esse é o cenário da arte contemporânea, dominado por variações lúdicas sobre propostas do passado, se possível com um efeito desconcertante ou irônico: transgressões controladas, apropriações de apropriações, citações irônicas e provocações tediosas constituem hoje o vocábulo de boa parte da arte de sucesso, isto é, aquela reconhecida pelo mercado e pelas instituições, a arte oficial. (TRIGO: 2009, 128-133).

Michel Ragon em 1979:

Quando em sua última passagem por Paris, meu amigo arquiteto mexicano Mathias Goeritz, (...) me dizia: Não há mais artistas, mas há arte. Já não são os artistas que fazem a arte progredir, mas sim os críticos. Se me perguntassem quais os personagens mais importantes na arte atual, viria imediatamente ao meu espírito o nome de alguns críticos de arte”. [Pensei diz Michel Ragon] Piada? Em toda piada existe uma parte de verdade e, é claro, exagero. O que não impede, quer gostemos ou não, que em todas as artes contemporâneas a teoria se torne uma das formas mais elevadas da criação (...) escrever, organizar, sublinhar, agrupar, definir (...) catalisar movimentos esparsos, reunir artistas que trabalham no mesmo sentido (...) brandir um manifesto como bandeira, viver enfim a aventura da arte, de um momento da arte, em toda sua plenitude, com todas as paixões e injustiças que isto comporta, não significa ater-se ao papel, já bastante sedutor, de amigo dos pintores (...) mas o crítico não se contenta em ser um companheiro do artista. Ele o ajuda a ser ele mesmo (...) vê suas concordâncias, exalta-as, e outros artistas chegam (...) ele soube expressar antes deles, o que sentiam confusamente. E é aí que a crítica se eleva à criação (...) pode-se censurá-lo por isto? Ele cria com pintores e escultores, como outros fazem com cores em tubos, ou com ferro, ou com uma câmera fotográfica, ou pernas de bailarina. Ele vive, vai, procura, ama, pega, prepara armadilhas. Move-se na qualidade de artista num mundo de artistas. E os artistas que ele revelou, jamais duvidaram de que fossem eles os próprios objetos de seus sonhos. (RAGON: 1979,11-21)

À parte o dito, a existência de um limiar diferencial entre o dentro e o fora mantêm-se, condicionando o que aqui nomeou-se eixo da arte não apenas às qualidades intrínsecas da obra, mas a sua conceitualização e interpretação. Poder-se-á dizer que a arte se afoga no conformismo? Recusa-se colocações absolutas à agudeza do engenho. E a questão regurgitará amarrada ao paradoxo que a ensimesmou: a ideia de que o conceito pode ser antecedente à obra. Essa inversão

golpeou o processo criador pois, como diz Cézanne, o conceito estrutura-se a partir da linguagem pictórica, ele nasce com a obra.

REFERÊNCIAS:

LICHTENSTEIN, Jacqueline [org.]. *A pintura – Da imitação à expressão*. Vol.5 Trad. Magnólia Costa. São Paulo: Editora 34, 2004. p.128

WOLFE, Tom. *A palavra pintada*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

TRIGO, Luciano. *A grande feira: uma reação ao vale tudo na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.128-133

RAGON, M. *Da crítica considerada como uma criação, Prefácio a Restany, P. Os novos realistas*. Org. Haroldo de Campos e Aracy Amaral. Trad. Mary A.L. de Barros. São Paulo: Perspectiva, 1979.